

# ORALIDADE PRIMÁRIA NA MEMÓRIA DA CANTORIA-DE-VIOLA: APOLOGISTAS

Roberto Benjamin

**RESUMO:** The memory of the cantorias-de-viola (folk poetry singing, accompanied by guitar) in Brazil's Northeast, has been conserved by some listeners called apologists - people who admire impromptu popular poetry, keep in their memories parts of performances and repeat them at other events, public gatherings and family meetings where declamation happens. The apologists continue to attend performances by their favorite popular folk poet/singers in order to reproduce their singing as primary orality. This happens in spite of the availability of audiovisual recording technologies.

**PALAVRAS-CHAVE:** cantoria-de-viola, apologistas, oralidade primária

*“Quando havia cantoria em nossa casa, eu e meu irmão Vicente não saíamos de junto dos cantadores, perguntando tudo que podíamos [...] Quando iam embora, a gente ficava repetindo os versos e as toadas. Sentia dentro de mim um desejo enorme de me tornar um daqueles poetas.”*  
Furiba<sup>1</sup>

A memória das cantorias-de-viola no Nordeste tem se conservado pelos séculos a fora graças à atividade de alguns de seus ouvintes, os quais têm sido chamados de apologistas. Apologistas, no caso, são pessoas aficionadas da poesia popular de improviso, que guardam na memória trechos de performances que julgam dignos de registro e os repetem em outros eventos, situações públicas e reuniões familiares onde ocorre declamação. Dispõem-se a articular cantorias, a acolher os cantadores em casa com honras especiais se necessário for, a conduzir o evento, uma vez que são familiarizados com as técnicas da arte de improvisar poeticamente. Propõem motes – criações suas ou de ouvintes mais tímidos – e não hesitam em apresentar críticas e elogios (RAMALHO, 2001, p. 5-6).

Francisco Coutinho Filho (1953), em *Violas e repentis*, sua obra clássica, já afirmava que, quando criança, se impressionava com a capacidade que apresentavam os trabalhadores analfabetos em memorizar – e reproduzir – trechos inteiros de desafios cantados por famosos violeiros. Apesar da possibilidade de dispor de tecnologias susceptíveis de realizar registros audiovisuais, tal prática permanece nos dias atuais e os apologistas continuam acompanhando as performances dos cantadores que mais admiram, para reproduzi-las, mais adiante, como oralidade primária.

Performances de congressos<sup>2</sup> e encontros de cantadores-de-viola foram integralmente gravados, transcritos e editados em livro<sup>3</sup>. Todavia, tal providência constitui exceção em relação às inúmeras

---

Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

<sup>1</sup> Nome pelo qual ficou conhecido o cantor João Batista Bernardo, nascido em 4 de julho de 1931, em Taquaritinga do Norte, no agreste pernambucano.

<sup>2</sup> Reuniões competitivas de cantadores, sem periodicidade definida. O primeiro foi realizado no Recife, em 1948, organizado pelo cantor Rogaciano Leite.

cantorias que se têm realizado dentro das tradições nordestinas, tanto no Nordeste, como no Rio de Janeiro e São Paulo, continuando a sua permanência a depender da memória dos apologistas. O cantador João Batista Bernardo (1991, p. 1), conhecido como Furiba, relaciona nos “agradecimentos” do seu livro *Furiba falando a verdade*, quarenta e nove apologistas dos estados do Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia que contribuíram para a realização de cantorias e para a divulgação dos seus repentes, ressaltando que é possível que haja ausentes na lista, por falha de sua memória<sup>4</sup>.

Vale ressaltar que, em alguns casos, sobretudo mais recentemente, apologistas alfabetizados e até mesmo com formação universitária têm, eles próprios, realizado os registros escritos e editado livros, entre os quais, Luiz Wilson, com *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão (Estado de Pernambuco)*, José Rabelo de Vasconcelos, com *O reino dos cantadores ou São José do Egito etc., coisa e tal*, Manoel Rafael Neto, com *Poesia popular do Nordeste*, e Joselito Nunes, com *Pinto velho do Monteiro um cantador sem parelha*.

Foram apologistas que informaram aos primeiros pesquisadores que trataram das cantorias o teor das performances que, em alguns casos, haviam presenciado muitos anos antes. Apesar do interesse de serem fiéis, na verdade, esses registros constituem variantes escritas, sujeitas a intervenções que as transformam devido às dificuldades de transcrição da linguagem oral para a linguagem escrita, a primeira sempre presa à métrica e à rima fonéticas.

Uma cantoria realizada em 1870, na cidade de Patos (Paraíba), tornou-se lendária graças a várias versões recolhidas de diferentes apologistas que a haviam assistido. Foi o célebre encontro de Inácio da Catingueira com Romano Caluête, conhecido como Romano da Mãe d'Água. Luiz Nunes (1979, p. 35) afirma que

foram muitas as informações montadas em torno da indescritível peleja. As mais conhecidas são: a de Ugulino do Sabugi, citada por Rodrigues de Carvalho; a de Leandro Gomes de Barros e a de Serrador, citadas por Leonardo Mota; a de Silvino Pirauá, citada por Chagas Batista; a do Padre Manoel Otaviano e a de Nestor Diógenes.

Átila Almeida (1990, p. 105), no *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, adverte que os registros dessa cantoria são recriações dos apologistas, distantes da forma poética em uso na época em que a peleja ocorreu: os cantadores de então criavam a poesia em quadras e não em sextilhas, e que o martelo havia sido introduzido por Silvino Pirauá de Lima em data posterior. No mesmo sentido, José Rabelo de Vasconcelos (1996, p. 50), escrevendo em forma de verso, embora não indique a sua fonte em relação ao que segue, afirma:

Os príncipes precedentes  
ao Reino dos Cantadores  
cantavam somente em quadras  
seus duelos e louvores.

De Inácio da Cantigueira  
é a construção que se vê:

“Meu viver é misturado  
de sofrer e de alegria: sou escravo no roçado  
mas sou rei na cantoria”.

A peleja registrada por Rodrigues de Carvalho, no livro *Cancioneiro do Norte*, conclui pela derrota de Romano, tendo sido a última estrofe tirada por Inácio cantada no galope:

Sou da embolada,  
sou da Catingueira  
Inácio, tua carranca,  
é bala de madeira,  
minha faca corta,  
meu facão trabalha,  
ela corta, ela verga,  
mas não se esbandalha;  
eu torço perigo;  
venci a batalha.

<sup>3</sup> Pelo menos, dois deles podem ser referidos: a) Bezerra, Jaci & Rafael, Ésio (organizadores). **Livro dos repentes – Congressos de cantadores do Recife**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1991, 317 p.; b) Dantas, José de Souza (coordenador). **Uma noite estrelada de poesia em Pombal**. Pombal (PB): Sal da Terra, 2000, 334 p. il.

<sup>4</sup> A relação das pessoas referidas pelo poeta encontra-se ao final do texto.

Nestor Diógenes atribui ao cego Manoel do Piancó as seguintes estâncias de uma pugna travada entre os famosos cantores populares Romano e Inácio da Catingueira. A última estância registrada, tida como décima ligeira (ou galope, ou martelo) é a seguinte:

Homem de fama,  
tu duras pouco,  
pau que tem oco  
não cria lama.  
Deita na cama  
que é lugar quente  
quebro-te o dente  
neste martelo  
ficas banguelo  
no meio da gente.

A versão de Leonardo Mota, publicada em *Cantadores*, foi colhida com o negro Azulão e conclui com a seguinte sextilha de Romano:

Eu agarro um cantador  
tiro-lhe dente por dente,  
tiro a língua, arranco o olho,  
deixo a caveira somente.  
Tiro-lhe o couro dos beiço:  
deixo ele assombrando a gente.

Em outra edição de *Cantadores*, Leonardo Mota (1961, p. 140-147) registra outros versos que “jamais foram dados à publicidade e eu os devo a Serrador”:

Uma vez que comecei  
não deixo sem acabar  
ainda tem muitas ave  
que eu preciso nomear:  
cupido, galo-campina,  
assum-preto, sabiá  
siriema, rouxinol  
nambu, quem-quem, periguá  
piripora e gavião  
urubu e carcará...  
Fale agora seu Romano  
que a goela eu vou muía.

Francisco das Chagas Batista (1997, p. 65) registra uma versão cuja cópia lhe foi fornecida por Silvino Pirauá. A última estrofe registrada é atribuída a Romano:

Inácio, eu reconheço  
que és bom martelador,  
mas, agora que apanhastes,  
dirás que tenho valor;  
porque eu em cantoria  
não temo nem a doutor.

O Padre Manoel Otaviano, em uma conferência proferida em 1948, publicada num opúsculo<sup>5</sup>, afirma que Inácio cantava “rufando um pandeiro”, enquanto Romano, então um cantador consagrado, tocava viola. As informações lhe foram fornecidas pelo capitão Crisanto Aires, Joaquim Pires Lustosa, o “preto” João do Curtume, “escravo do tempo de Inácio, que com ele conviveu”, e Chico Coxo, casado com uma sobrinha de Inácio. A peleja teria se concluído com uma estrofe de Inácio:

Sua doença, seu Romano,  
está muito conhecida.  
Melhor rasgar o tumor  
antes que vire ferida.  
O rei por perder o trono  
não deve perder a vida.

A versão de Francisco Coutinho Filho repercute as versões dos autores supracitados.

A análise das circunstâncias e dos personagens envolvidos na cantoria da cidade de Patos (Paraíba), e em sua repercussão, permitirá, ao menos em parte, entender o processo vivido pelos apologistas e as razões da permanência dessa lendária performance. Segundo a tradição oral, a cantoria teria durado sete dias e sete noites, extensão suficiente para ser considerada a mais longa de todos os tempos. Essa cantoria não foi um encontro casual de dois poetas: a sua realização havia sido anunciada.

<sup>5</sup> A transcrição integral do texto da referida conferência se encontra em Nunes, Luiz. **Inácio da catingueira, o gênio escravo**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1979, 229p. p. 133 a 154.

Embora alguns autores refiram que teve lugar no mercado público, outros registram que aconteceu na casa do coronel Firmino Aires, um chefe-político de grande poder e respeitabilidade, tendo sido assistida por um grande número de poetas e apologistas. Não é possível duvidar da sua ocorrência, pelo fato dos registros terem fontes diferentes e apresentarem diferentes vencedores. Caso contrário, se houvesse uma única fonte, poderia se atribuir a uma criação de poetas-de-bancada, como hoje se sabe que ocorreu com as pelepas entre o Cego Aderaldo e Zé Pretinho do Tucum (escrita pelo poeta popular piauiense Firmino Teixeira do Amaral, cunhado de Aderaldo) e Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde (escrita pelo próprio João Martins de Athayde<sup>6</sup>).

Havia uma acentuada distância social entre os dois contendores. Francisco Romano Caluête – conhecido também como Romano da Mãe d'Água e Romano do Teixeira – nasceu em 1840 e faleceu em 1891. Teria cerca de 30 anos por ocasião da cantoria e era considerado, então, o maior poeta-cantador do sertão da Paraíba. Descendia de uma família abastada e havia tido a instrução básica possível nas fazendas sertanejas de então e algumas leituras de ilustração<sup>7</sup>. Inácio da Catingueira, por ocasião da cantoria, era escravo de Manoel Luiz, um pequeno proprietário do então povoado da Catingueira, na ribeira do Piancó (Paraíba). Segundo alguns autores, teria sido alforriado por seu patrão. Todavia, segundo outros, ainda figurava como um dos bens constantes do inventário daquele senhor. Inácio era analfabeto.

Ugulino do Sabugi<sup>8</sup>, Leandro Gomes de Barros<sup>9</sup>, Serrador<sup>10</sup>, Silvino Pirauá<sup>11</sup> e Chagas Baptista<sup>12</sup> foram poetas populares contemporâneos de Romano e Inácio. Serrador e Silvino Pirauá são considerados discípulos de Romano da Mãe d'Água.

Essas informações - em torno da célebre peleja - podem ser consideradas como indicadores dos fatores relacionados à prática dos apologistas atuais, prática que está a merecer pesquisa sistemática. Vale ressaltar que, em diversas outras manifestações da cultura popular, a memória dos ouvintes acaba se revelando como matriz da oralidade primária, tal como em relação aos contos populares e aos casos, as lendas e narrativas mitológicas e até mesmo aos boatos. Nenhuma, talvez, apresente a extensão e a importância dos apologistas das cantorias e a possibilidade de identificação dos seus agentes.

## ANEXO

Relação de apologistas referidos por João Batista Bernardo (Furiba)

Antônio de Catarina (de São José do Egito, PE)

Antônio Maciel Correia (do Recife, PE)

Antônio Magalhães (de Serra Talhada, PE)

Antônio Tota Nascimento (de Tabira, PE)

Apolônio Gonçalves (de Patos, PB)

Arcelino Moura (de Petrolina, PE)

Cícero Macena (de Tabira, PE)

Dedé Monteiro (de Tabira, PE)

Demócrito Ramos Reinaldo (do Recife, PE)

Dílson Pinheiro (de Fortaleza, CE)

<sup>6</sup> Aliás, Leandro Gomes de Barros, na contracapa do folheto **O diabo na nova-seita/A vingança de um filho/A tarde**, escreveu: "Faço ver aos leitores uns livros que vendem com o título Discussão de Leandro Gomes com João Athayde, é falso pois nunca vi esse Athayde."

<sup>7</sup> Medeiros Filho, João (Padre) & Faria, Osvaldo Lamartine de. **Seridó – séc. XIX (fazendas e livros)**, 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001, 122 p il.

<sup>8</sup> Ugulino Nunes da Costa, nascido em Teixeira (PB) em 1832 e aí falecido em 1895. Cantador. Tio do poeta Francisco das Chagas Baptista.

<sup>9</sup> Nasceu em Pombal (PB), em 1865 e faleceu no Recife (PE), em 1918. É um dos mais conhecidos poetas de bancada (= poeta popular, não cantador) da literatura de cordel.

<sup>10</sup> Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador, nascido em meados do século XIX na cidade de Bom Conselho (PE), onde faleceu no ano de 1915. Cantador repentista.

<sup>11</sup> Silvino Pirauá de Lima, nascido em Patos (PB) em 1842, falecido em Bezerros (PE) em 1813. Cantador e poeta de bancada. Segundo José Alves Sobrinho (2003: 84) "*talvez o primeiro que escreveu folheto em nossa região, embora tenha vendido os seus direitos autorais ao poeta Leandro Gomes de Barros*".

<sup>12</sup> Francisco das Chagas Baptista, nascido em Teixeira (PB) em 1882 e falecido em João Pessoa em 1930. Poeta popular e editor de cordel.

Edmilson Lopes (de Patos, PB)  
Edvaldo Gonçalves (de Sumé, PB)  
Edvaldo Lopes (de Cajazeiras, PB)  
Ésio Rafael – Grapiúna (do Recife, PE)  
Giuseppe Baccaro (de Olinda, PE)  
Gregório Filomeno de Menezes (de São José do Egito, PE)  
Heleno Rafael (do Recife, PE)  
Ivo Macena (de Tabira, PE)  
Jatobá (de Cajazeiras, PB)  
João Claudino Fernandes (de Teresina, PI)  
João Evangelista Duarte (de Triunfo, PB)  
João Gomes dos Passos (do Recife, PE)  
João Gualberto Neto (de Triunfo, PB)  
João Piancó (de Paulo Afonso, BA)  
José Ivo Macena (de Tabira, PE)  
Jose Mairon Maia (do Recife, PE)  
José Moura (de Petrolina, PE)  
José Pereira do Ferro-Velho (do Recife, PE)  
José Ramos Reinaldo (de São José do Egito, PE)  
Joselito Nunes (do Recife, PE)  
Leci Leite (de São José do Egito, PE)  
Leônidas Duarte (de Sumé, PB)  
Lourival Moura (de Santa Maria da Boa Vista, PE)  
Lourival Ramalho (de João Pessoa, PB)  
Luiz Alexandrino (do Recife, PE)  
Manoel Filó (de São José do Egito, PE)  
Manoel Rafael (do Recife, PE)  
Moacir Gordo (de Sumé, PB)  
Naide Cabral (de Patos, PB)  
Nelson Ferreira (de Camaragibe, PE)  
Orlando Tejo (de Campina Grande, PB)  
Pedro Aleixo (de Monteiro, PB)  
Pedro Batista (de Sumé, PB)  
Pedro Nunes de Farias (de Prata, PB)  
Pedro Ribeiro (de Teresina, PI)  
Saulo Passos (de Itapetim, PE)  
Sólon de França (de Paulista, PE)  
Urbano Lima (do Recife, PE)  
Zé de Cazuza (de São José do Egito, PE)

### **BIBLIOGRAFIA**

- ALMEIDA, Átila Augusto F. de. ; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário bio-bibliográfico de poetas populares*. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1990. 2.v.
- ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- BATISTA, Francisco das Chagas. *Cantadores e poetas populares*. João Pessoa: Conselho Estadual de Cultura, 1997.
- BERNARDO, João Batista [Furiba]. *Furiba falando a verdade*. Recife: Imprensa Universitária; Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1991.
- BEZERRA, Jaci; RAFAEL, Ésio (Org.). *Livro dos repentistas – Congressos de cantadores do Recife*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1991.
- COUTINHO FILHO, Francisco. *Violas e repentistas*. Recife: s.e., 1953.
- DANTAS, José de Souza (Coord.). *Uma noite estrelada de poesia em Pombal*. Pombal: Sal da Terra, 2000.

LEITE FILHO, Aleixo. *Cartilha do cantador*. 2.ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

MEDEIROS FILHO, João (Padre); FARIA, Osvaldo Lamartine de. *Seridó – séc. XIX (fazendas e livros)*. 2.ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001.

MOTA, Leonardo. *Cantadores*. 3.ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1961.

NASCIMENTO, Braulio do. Oralidade. In: BENJAMIN, Roberto. *A África está em nós*. Livro do professor. João Pessoa: Editora Grafset, 2006. v.4. p. 32.

NUNES, Joselito. *Pinto velho do Monteiro um cantador sem parrelha*. 2.ed. Recife: Líber, 2006.

NUNES, Luiz. *Inácio da catingueira, o gênio escravo*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1979.

RAFAEL NETO, Manoel. *Poesia popular do Nordeste*. Recife: Chesf, 1996.

RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: pensando uma estética da cultura oral*. In: tese inédita apresentada na Universidade Estadual do Ceará, em 2001, em concurso para o cargo de professor titular. 15 p.

RÁTIS, Conceição. Um apologista da poesia popular: Assis Angelo. *Suplemento Cultural* (Diário Oficial do Estado de Pernambuco), Recife, nov. 1996.

VASCONCELOS, José Rabelo de. *O reino dos cantadores ou São José do Egito etc., coisa e tal*. Recife: o autor, 1996.

WILSON, Luiz. *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão (Estado de Pernambuco)*. 2.ed. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1986.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.